

Reflexões Acadêmicas

A FADIGA DAS PALAVRAS E O ESPÍRITO
LIVRE EM NIETZSCHE

THE FATIGUE OF WORDS AND THE FREE SPIRIT IN NIETZSCHE

LA FATIGA DE LAS PALABRAS Y EL ESPÍRITU LIBRE EN NIETZSCHE

Lúcia Schneider Hardt

Doutora em Educação pela UFRGS.

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre - RS - Brasil**Endereço:**Rua das Cerejeiras 186, casa 7
Carvoeira - Florianópolis - SC
CEP: 88040-510**E-mail:**

luciashardt@gmail.com

RESUMO

As palavras indicam autoridade para medir, classificar e regular a vida das pessoas, dos currículos, da cultura. Paradoxalmente, a sensação é de fadiga, as palavras parecem cansadas, já não querem mais ser pronunciadas no processo de repetir o que já está dito. A fadiga fica potencializada pelo cansaço da verdade e pela desistência da novidade. O que fazer quando cansamos de usar palavras, pois elas parecem capturadas pelo desejo de pronunciar algum tipo de verdade. A vontade de saber tem se convertido em uma vontade de repetir. O que fazer com a fadiga, então? Parece, precisamos desviar as palavras da velocidade, da pressa, dos espaços qualificados que legitimam os discursos. As palavras velozes estão atropelando-se para disputar o espaço do direito à visibilidade. Como inserir palavras mais vagarosas que precisam de mais tempo para serem pronunciadas? O silêncio entre as palavras, entre os parágrafos, mais que interrupção são gestos de reflexão, de maturação para dizer o que ainda possa ter sentido e significado. Diante da fadiga parece ser necessário, como diz Nietzsche, deixar-se levar por um "rebelde, arbitrário, vulcânico anseio de viagem, de exílio, afastamento, esfriamento, enregelamento, sobriedade, um ódio ao amor, talvez um gesto e olhar profanador para trás..." para nessa viagem, sem pressa, com vagar, pensar de novo o que se tem a dizer e a pensar. Todos lidamos com uma espécie de desejo de esclarecimento, dependente também das palavras. Quando de fato enganamos e esclarecemos ao falarmos em formação humana? A pergunta remete o texto até o alienista, de Machado de Assis. No texto, Simão Bacamarte engana ou esclarece sobre a saúde mental? As palavras lhe dão autoridade para medir, classificar e regular a vida das pessoas de Itaguaí. Mas o que acontece, de fato? Nesse cruzamento entre palavras que vão da literatura até o campo pedagógico, o texto pretende pensar sobre nossos desejos de formação do outro e a necessidade de desfazer-se de palavras para ganhar o espírito livre.

PALAVRAS-CHAVE: Espírito livre. Educação. Fadiga.**ABSTRACT**

Words indicate authority to measure, classify and regulate people's lives, curricula, and culture. Paradoxically, the sensation is one of fatigue – words seem to be tired, not desiring to be pronounced in the process of repeating what has already been said. Fatigue is intensified by the tiredness of truth and by the giving up

of novelty. What do we do when we are tired of using words, since they seem to be captured by the desire to pronounce some kind of truth? The desire to know has turned into a desire to repeat. So what can we do about the fatigue? It seems that we need to separate words from the speed and hurry of the qualified spaces that legitimate the discourses. Fast words are running over each other in the dispute for space that gives the right to visibility. How can we insert slower words that need more time to be pronounced? The silences between words, between paragraphs, more than interruptions, are gestures of reflection, in the words of Nietzsche, allowing oneself to be led by an "arbitrary rebel, a volcanic desire for travel, for exile, distancing, cooling, sobriety, a hatred of love, perhaps a gesture of sacrilege, a looking back (...)", so that in this voyage, with no hurry, slower, we think again about what we need to say and think. We all have a desire for clarification, which also depends on words. How then, are we misguided or enlightened when we speak about human education? This question leads us to the text *O alienista*, by Machado de Assis – does Simão Bacamarte misguide or elucidate us about mental health? Words gave him the authority to measure, classify and regulate the life of the people of Itaguaí. But what really happens? In this crossing over of words from the field of literature to the field of pedagogy, the text aims to make us think about our desires to educate the other, and the need to give up words in order to gain a free spirit.

KEYWORDS: Free spirit. Education. Fatigue.

RESUMEN

Las palabras indican autoridad para medir, clasificar y regular la vida de las personas, de los currículos, de la cultura. Paradójicamente, la sensación es de fatiga, las palabras parecen cansadas, ya no quieren más ser pronunciadas en el proceso de repetir lo que ya está dicho. La fatiga se ve potencializada por el cansancio de la verdad y por la desistencia de la novedad. ¿Qué hacer cuando nos cansamos de usar palabras, pues ellas parecen capturadas por el deseo de pronunciar algún tipo de verdad? La voluntad de saber se ha convertido en voluntad de repetir. ¿Qué hacer con la fatiga, entonces? Parece que necesitamos desviar las palabras de la velocidad, de la prisa, de los espacios cualificados que legitiman los discursos. Las palabras veloces se van atropellando para disputar el espacio del derecho a la visibilidad. ¿Cómo insertar palabras más lentas que necesiten más tiempo para ser pronunciadas? El silencio entre las palabras, entre los párrafos, más que interrupciones son gestos de reflexión, de maduración para decir lo que todavía pueda tener sentido y significado. Frente a la fatiga parece ser necesario, como dice Nietzsche, dejarse llevar por un "rebelde, arbitrario, volcánico anhelo de viaje, de exilio, alejamiento, enfriamiento, congelación, sobriedad, un odio al amor, tal vez un gesto y mirada profanadora hacia atrás..." para, en ese viaje, sin prisa, con lentitud, pensar de nuevo lo que se tiene para decir y para pensar. Todos sufrimos una especie de deseo de aclaración, dependiente también de las palabras. ¿Cuándo es que de hecho engañamos y aclaramos al hablar de formación humana? La pregunta remite el texto hasta el alienista de Machado de Assis. ¿En el texto Simão Bacamarte engaña o aclara sobre la salud mental? Las palabras le dan autoridad para medir, clasificar y regular la vida de las personas de Itaguaí. ¿Pero qué sucede, de hecho? En ese cruce entre palabras que van de la literatura hasta el campo pedagógico, el texto intenta pensar acerca de nuestros deseos de formación del otro y la necesidad de deshacerse de palabras para ganar el espíritu libre.

PALABRAS CLAVE: Espíritu libre. Educación. Fatiga.

O espírito livre parece indicar a presença das palavras, o direito à exposição, à liberdade do falar. Paradoxalmente nesse caso essa não é a aliança que se efetiva. O que está posto é a fadiga da comunicação, ela não quer ser pronunciada e não quer se esgotar no processo de repetir o que já está dito.

A fadiga fica potencializada pelo cansaço da verdade e pela desistência da novidade. O que fazer quando cansamos de usar as palavras, por parecerem capturadas pelo desejo de pronunciar algum tipo de verdade? A vontade de saber que rapidamente converte-se em uma vontade de repetir.

O que fazer com a fadiga, então? Parece que precisamos desviar as palavras da velocidade, da pressa, dos espaços qualificados que legitimam os discursos. As palavras velozes estão se atropelando para disputar o espaço do direito à visibilidade. Como inserir palavras mais vagarosas, que precisam de mais tempo para ser pronunciadas? O silêncio entre as palavras, entre os parágrafos, mais que interrupção é gesto de reflexão, de maturação para dizer o que ainda possa ter sentido e significado. Não quer dizer que o que fica para ser anunciado é a novidade, o melhor, mas aquilo que só o silêncio e a demora conseguem revelar. A pressa preenche rapidamente os espaços, cria uma sensação de comprometida interação com a sociedade, pois compulsivamente comunica, transmite, informa. E comunica para formar. Mas a pergunta que fica: o que é mesmo formação? Receber informação nova, rápida, atual, com muita versatilidade e exatidão?

O espírito livre é um conceito presente na obra de Nietzsche e parece fazer sentido vinculá-lo com os processos formativos considerando os ambientes educativos. "Em seu próprio processo de formação, o autor citado sempre necessitou acreditar que não estava absolutamente só, pois confiava em uma "mágica intuição de semelhança e afinidade de olhar e desejo" com alguns outros que estabeleciam uma espécie de "cegueira a dois sem interrupção nem suspeita, uma fruição de primeiros planos, de superfícies, do que é próximo e está perto, de tudo o que tem cor, pele e aparência." Para garantir essa companhia que impediria a solidão, Nietzsche inventa os espíritos livres. Precisava de companheiros para manter a alma alegre, para criar espaços de ilusão. E instala-se uma amizade perfeita, pois está presente quando necessário, por vezes torna-se dispensável e "mandamos para o inferno quando se torna entediante". Ainda que esses espíritos sejam apenas um desejo, nenhuma dúvida parece indicar a possibilidade de que eles venham a constituir-se materialmente em algum lugar. Os processos formativos podem acendê-los ou apagá-los. Para nascer, tal espírito precisa discutir o que ama, o que pensa. Precisa lidar com a fadiga. Parece ser necessário, como diz Nietzsche, deixar-se levar por um "rebelde, arbitrário, vulcânico anseio de viagem, de exílio, afastamento, esfriamento, enregelamento, sobriedade, um ódio ao amor, talvez um gesto e olhar profanador para trás...." para nessa viagem, sem pressa, com vagar, pensar de novo o que se tem a dizer e a pensar.

De certa forma, todos lidamos com o engano produzido por palavras e todos lidamos com uma espécie de desejo de esclarecimento, dependente também das palavras. Cabe, então, indagar: quando mesmo enganamos e esclarecemos?

Com essa pergunta, lembrei-me do alienista de Machado de Assis. Afinal, Simão Bacamarte engana ou esclarece sobre a saúde mental? As palavras lhe dão autoridade para medir, classificar e regular a vida das pessoas de Itaguaí. As palavras, nesse caso, parecem impedir que o espírito livre, no seu excesso de vida, possa decidir por viver perigosamente, oferecendo-se à aventura por experiência e desejo.

Simão Bacamarte, médico conceituado, volta a sua terra natal e decide estudar a loucura e os seus diferentes estágios. Inaugura a Casa Verde, um hospício, para abrigar os devidos sujeitos classificados e continuar suas pesquisas acompanhando as práticas desses indivíduos. Primeiramente, os loucos ficaram definidos como sujeitos vaidosos, bajuladores, supersticiosos, indecisos. Por fim, tantos são os internados que uma pergunta se fortalece entre os moradores da cidade:

- Nada tenho que ver com a Ciência; mas, se tantos homens em quem supomos juízo, são reclusos por dementes, quem nos afirma que o alienado não é o alienista? Uma espécie de rebelião fica insaturada e "a bastilha da razão humana", a chamada Casa Verde da obra de Machado fica sob suspeita.

Até a esposa do alienista (Simão Bacamarte) é capturada pela sua excessiva indecisão. O impressionante da história é que o líder da rebelião, o barbeiro Porfírio, de repente percebe a importância da casa e faz aliança com o médico. Os revoltosos são presos e o alienista recupera seu prestígio. Na continuidade dos seus estudos acaba descobrindo que os critérios da loucura não conferem com a realidade, e que a grande maioria da população talvez não se ajustasse aos critérios estabelecidos. Nesse particular entende ser necessário inverter o processo e capturar a minoria: os simples, os leais, os despreendidos, os sinceros, em menor quantidade e talvez estilos próprios da loucura. Com o tempo percebe que os indícios da loucura circulam entre a população, parecendo que a sanidade apenas se concretiza no próprio investigador. Decide internar-se na Casa Verde e ali permanecer. O tempo acaba provando que o único louco era aquele tido como o

detentor das palavras, que compulsivamente classificava sem temer sua avaliação. Diz Machado, no final do conto:

Mas o ilustre médico, com os olhos acesos da convicção científica trancou os ouvidos à saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco além dele em Itaguaí, mas esta opinião fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao Padre Lopes que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade. (p. 76, 2007).

O alienista parece não ser um espírito livre, ainda que fosse um cientista capaz de apropriar-se das palavras para informar, comunicar e capturar. Um espírito livre não permanece em casa, não se contenta com o familiar, com o que já sabe e, por isso, precisa também silenciar. É muito bom sair de casa e fora de si encontrar-se. Como diz Nietzsche, "há sabedoria de vida, em receitar para si mesmo a saúde em pequenas doses e muito lentamente". Talvez isso signifique livrar-se do que já se sabe, livrar-se de condutas para perceber o que há de perspectivista em cada valoração. Compreender a estupidez que existe quando apenas nos apresentamos nas oposições de valores, todo pró e todo contra implicam uma perda intelectual, diz Nietzsche.

No caso Simão Bacamarte, alternava seus conceitos de loucura até que imaginou encontrar a única sanidade: ele mesmo. Então se isola e imagina poder ser a referência para si mesmo.

É preciso tomar o corpo e vir ao mundo, dizem os espíritos livres. Nem por isso somos loucos. Loucos como o alienista, que primeiro toma as palavras para definir a loucura em uma direção, para posteriormente mudar os critérios, servindo-se ainda assim das suas teorias, acreditando que a inversão é, agora, a própria verdade.

No campo da produção do conhecimento somos, por vezes, como o alienista: criamos categorias para definir e classificar as práticas humanas e insistimos com nossa verdade para afirmar uma perspectiva. Ainda impera um embate na academia para reconhecer quem é marxista, liberal, pós-moderno. E assim vamos criando as "casas verdes", a exemplo de Bacamarte. Tantas vezes as categorias se invertem, liberando alguns para capturar outros, para fazê-los habitarem os castelos e as "casas verdes" que criamos.

Ficar incomodado com essa realidade nos põe diante da fadiga: afinal, o que ainda podemos fazer diante das palavras? Conseguimos escapar dessa lógica? Estamos em tempo de silenciar para então pronunciar outras palavras? Fechar estas malditas casas verdes para permitir que os espíritos livres decidam onde e como querem morar! Não seria o caso de Bacamarte ter silenciado para refletir sobre a loucura e, no silêncio, suspender as classificações e as definições? Talvez, assim, ele mesmo tivesse evitado a sua internação!

Parece que, assim como o alienista, nós precisamos silenciar para evitar nossa internação em escolas e casas teóricas nas quais nos colocamos a pensar e a produzir sobre nossas próprias convicções. E esquecemo-nos de ouvir o que de novo vem sendo dito, para que possamos habitar os espaços com outros temperos e estéticas.

Na escola, igualmente definimos os alunos, as correntes pedagógicas, os currículos, os métodos e os critérios de avaliação. Qual seria a alternativa? Como nosso personagem, depois dos excessos de tantas definições, a saída seria o isolamento?

A fadiga das palavras parece originar-se neste binarismo; ou serve para afirmar, ou presta-se para negar. Quando percebemos isso, parece ficarmos cansados; a fadiga toma nosso corpo, pois não queremos mais tecer as palavras nessa direção. A fadiga parece impor o silêncio para mais uma vez entender por que falar e tomar as palavras. Afinal, como pode algo se originar do seu oposto? Da loucura, a sanidade? A verdade dos erros? Para Nietzsche não há opostos, temos dentro de nós todas as possibilidades do bem e do mal. Urge perder toda crença e confiança na possibilidade da verdade desprestigiada. O enredo do texto de Machado de Assis ensina, de certa forma, algo nessa direção. Ao discutir os limites entre a razão e a loucura, discute também o poder dessas fronteiras e desses conceitos. O mal não parece estar nem no racional, nem no normal e sadio. Está, outrossim, no contexto humano, demasiado humano. Tal como para Nietzsche, o fenômeno moral não é um horizonte da virtude, mas um fenômeno humano, essencialmente humano.

Machado de Assis, como um clássico de nossa literatura toma a sonoridade, o ruído das palavras para nos fazer pensar sobre a sanidade e a loucura. Não tem como propósito fechar a questão, convida-nos a continuar a pensar. Nessa direção, a leitura em um contexto educacional provoca outros desafios, implicando os jogos de palavras para produzir os processos de aprender e ensinar.

Criticar o mundo das palavras não significa abandoná-las, mas tomá-las como instrumentos de interpretação de uma vontade de vida que deseja afirmar-se. De alguma forma não podemos ficar reféns da arbitrariedade, que parece ter sido a solução encontrada pelo personagem. Não conseguindo sustentar os argumentos das loucuras identificadas, resolve ignorá-las para olhar a si mesmo, desistindo do contato com o mundo público. Não suporta suspender o saber, contemplar o enigma, dar as costas às classificações para, novamente, pensar. A fadiga das palavras não o alcançou. Talvez ficasse impedido de mudar de perspectiva. Decide continuar a falar, agora para si mesmo.

Quanto cuidado nessa direção precisamos ter como educadores/intelectuais; afinal, pode nos restar uma vida sem interlocutores, caso não sejamos capazes, por vezes, de suspender nossos juízos e categorias, para mais do que falar, ouvir para pensar de novo.

Não parece essa a solução apontada por Nietzsche quando defende os espíritos livres e a necessidade de cuidar de si. Aqui o foco consiste em evitar o excesso de ajuste a que somos submetidos, sentir-se livre para não integrar o rebanho e, ainda assim, viver desejando sua conservação e seu crescimento como espécie e mais individualmente. É uma espécie de solidão, contudo, não por excesso de afirmação do que já existe visando confirmar verdades, mas fruto de uma inconformidade, de uma suspeita com o que nos é apresentado como verdade.

No que concerne à importância da linguagem, destacando a função e o seu papel interpretativo, Nietzsche diz:

Já não nos estimamos suficientemente quando nos comunicamos. Nossas verdadeiras vivências não são nada loquazes. Não poderiam comunicar a si próprias, ainda que quisessem. É que lhes faltam as palavras. Aquilo para o qual temos palavras, já o deixamos para trás. Em toda fala há um grão de desprezo. A linguagem, parece, foi inventada apenas para o que é médio, mediano, comunicável. O falante já se vulgariza com a linguagem- De uma moral para surdos-mudos e outros filósofos. (Incursões de um extemporâneo, aforismo 26).

Nietzsche fica indignado com a ideia do realismo linguístico, segundo o qual nas palavras se encontram as verdades sobre as coisas. De certa forma ele reage ao afirmar que o que a linguagem pode fazer é interpretar "linguisticamente a realidade", considerando aí todos os limites e as singularidades do contexto. Assim, Bacamarte linguisticamente interpreta a sanidade e a loucura, o que não dá a ele toda legitimidade e autoridade como médico. Mas as palavras não dão conta da experiência. Temos palavras para aquilo que já vivemos, e frente ao novo estamos diante do inusitado. Quando repetimos excessivamente nossas palavras vulgarizamos a linguagem e, mais do que isso, vulgarizamos a vida. Elas estão aí diante de nós convidando a pensar de outras formas as novas experiências.

Seria então a interpretação das experiências arbitrária, a ponto de permitir qualquer interpretação? Prebisch (2006) indaga: estamos condenados ao arbitrário? Lembra a autora que são nossas necessidades vitais que interpretam o mundo, quais sejam: conservação e crescimento, portanto o arbitrário fica relativizado. A vida implica contínuo interpretar. Significar um pensar, fazer um texto do mundo e levar em consideração os textos que já ficaram estabelecidos. Segundo Larrosa (2004), há que se ler os textos sem dogmatismo e também tendo a cautela de evitar qualquer delírio interpretativo, exatamente para acessar o texto circunscrito a seu tempo, seu lugar e sua perspectiva.

Como diz Nietzsche, a unidade da palavra não garante a unidade da coisa. Os nomes não necessariamente expressam a coisa. A beleza não depende dos nomes. Por isso a fadiga das palavras, o cansaço é com os nomes para ficar assim convocada uma vontade de criar outra beleza com as palavras. As produções humanas no tempo revelam perspectivas para além da arbitrariedade e nos ajudam a compreender o ser humano.

O texto de Machado produziu beleza, calibrou as palavras às circunstâncias humanas e pôs as palavras a devorar a verdade tão anunciada pelo personagem principal, materializando uma existência de escritor que produz sentido. Por um tempo, suas palavras convencem e definem a loucura, para depois causar espanto e provocar indignação.

Tomar as palavras para produzir algo novo exige um bom convívio com o tédio do qual muitas vezes fugimos quando trabalhamos demais ou que acabamos desconhecendo pelo excesso de produtividade. Pelo excesso das palavras cheias de convicções, afirmações, verdades que imaginamos terem de ser anunciadas para não caírem no esquecimento.

Em decorrência da fidelidade à verdade e às palavras não entregamos mais nosso corpo às paixões e acabamos tendo mais obrigações do que sonhos. Aqui se faz oportuno lembrar Nietzsche:

Não, não existe nenhuma lei, nenhuma obrigação dessa espécie, temos de nos tornar traidores, praticar a infidelidade, sempre abandonar nossas idéias. Não passamos de um período a outro da vida sem causar essas dores de traição e sem sofrê-las também. (NIETZSCHE, 2005 p. 264).

Nietzsche, segundo Scarlett Marton, empenhou-se na crítica à linguagem enfatizando o seu entendimento de acordo com a perspectiva que se adota. Ele procura mostrar que as palavras “não possuem um sentido único, velado e sempre presente”. Seu interesse pela psicologia, considerando-a como “morfologia e doutrina do desenvolvimento da vontade de potência” foi inovador. Nietzsche encontra e formula uma nova visão da psicologia, libertando-a do que ele chama de pré-juízos e apreensões morais. Passa a defini-la como “ciência que investiga a origem e a história dos sentimentos morais” e acrescenta um ingrediente novo: sua inserção num tempo e num espaço, rompendo assim com a metafísica, para a qual a noção de alma humana vinculava-se à essência. A partir de então os sentimentos morais surgem, modificam-se e até podem desaparecer. Nietzsche critica o idealismo metafísico propondo uma nova abordagem, a genealogia dos valores. Ele questiona o valor dos valores morais, buscando as respostas e as explicações na história e descreve a sua origem.

Retomando Bacamarte, teria ele sustentado sua vida pela insistência em continuar estudando o fenômeno da loucura? Os limites dessa vontade de potência são muito tênues e podem nos capturar em uma armadilha. Talvez fosse isto que restou ao nosso personagem: isolar-se na casa verde para afirmar sua vida e seu propósito. Surge o alienista?

Somos também, por vezes, alienistas em nossas academias e escolas?

Nietzsche foi também um alienista? Ou póstumo, segundo sua própria definição? Nietzsche afirma que a vida é diferente da verdade. Nessa direção, então, as palavras podem ser suspensas e a vida fica preservada. A vida é trágica e nela não cabe a obsessão pela verdade. A verdade era apenas mais um ponto de vista, pressupondo assim a análise de todos os outros pontos de vista. Durante milênios o homem perseguiu a verdade, acreditando que conhecê-la seria a libertação. Nietzsche, segundo Scarlett, joga uma pá de cal sobre todo esse conceito milenar ao afirmar que a verdade é o túmulo da vida. Bacamarte aproximou sua verdade do honroso e pomposo enterro a que teve direito. A vida, parece, entregou-se a terra e o túmulo enterrou a sua verdade.

No caso de Nietzsche, ficamos sem túmulo, conhecemos um extemporâneo que, mesmo ausente, deixou viva uma vontade: “a arte de remoer”. Essa é sem dúvida sua grande proposta em termos de conhecimento, pois do que não devemos nos cansar é de interpretar. Assim, o que já temos seja em texto, em práticas, em vivências não está aí para ser desprestigiado, mas serve para nos fazer pensar sobre os limites do já decifrado.

Segundo Nietzsche, o texto em um sentido genérico tem força em sua condição de texto-interpretação. Não é arbitrário simplesmente, mas se aconchega em alguns pontos que desejamos entender como leitores. Assim sendo, o texto parece com as práticas humanas, afetos, movimentos políticos, culturais. Tudo é em parte a manifestação do “*Ser real*” como diz Nietzsche. Mas essa é a única condição; não existe um Ser ideal para ser alcançado, assim nossa tarefa humana é participar de um minucioso e paciente procedimento de escavação, deciframento e análise na forma de ensaio, visando descrever o que se vive mais do que dar provas do que seria correto viver.

Granier (2009), ao apresentar o conceito de Nietzsche sobre a interpretação, estabelece a relação entre a verdade e o caos, pois para ele o “caráter do mundo é o de um caos eterno”, a verdade não sobrevive. A interpretação é inesgotável e não existe aquela que possa ser aceita como exata. Contudo isso não legitima a arbitrariedade. De fato, o caos impõe limites à ciência. Para que a beleza apareça, é preciso uma “certa imprecisão do olhar”. Segundo Granier, a interpretação é um problema de acomodação, sempre temporária e provisória, ainda que bem sustentada. Quando adentramos esse mundo, toda cautela é pouco para evitar que nossas crenças nos impeçam de ver o que apenas é interpretação. É preciso dissociar o fato da interpretação para entender o

perspectivismo que proíbe a totalização que levaria ao triunfo de uma interpretação única. Uma das lutas de Nietzsche é ir contra o fantasma da totalidade – essa sombra de Deus. “É preciso perder o respeito pelo TODO.”

Nessa direção, talvez, o único inconveniente de Bacamarte é insistir com o seu todo, a ponto de calibrá-lo e referenciá-lo nele mesmo. A sombra da verdade acompanha Bacamarte e ele parece desejá-la ardentemente. Não admite o pluralismo, pois deseja tudo compreender e assim perde de aprender com outras perspectivas. O desejo de conhecer sobre a loucura e a sanidade é um tema pertinente, curioso, que movimenta a vida em todos os tempos. Bacamarte deixou de reconhecer que o tema pelo qual tanto se interessava só podia mesmo dar-se em um conhecimento interpretativo que só pode ser plural. Mas estava absorto na totalidade e quando não mais a enxergou, isolou-se para fazer de si mesmo o todo. Tanto a loucura quanto a sanidade perderam, restou um túmulo para as duas, ao passo que Itaguaí, de outra forma poderia ter potencializado esse debate em múltiplas direções, o que provavelmente teria outras consequências para a vida da cidade. Arriscaria dizer que o espírito de Bacamarte ficou cativo de sua excessiva vontade de verdade, e a fadiga não o alcançou.

Os espíritos livres estão por aí, muitas vezes cansados, exaustos das palavras, silenciosos, evitando as totalidades, sem desistir do esforço humano de interpretar. Segundo Nietzsche, não se trata de qualquer interpretação, mas aquela que tem uma espécie de vontade de poder contemplada pelo instinto de apropriação e conquista. Colocar na roda o que se pensa não é simplesmente uma ação mediadora, mas é qualificar pela via do valor outra abordagem que pode surpreender impactar, causar espanto, romper.

Fico aqui imaginando que, de repente, Bacamarte faz uma tentativa de cultivo de si, mesmo que por caminhos estranhos. Talvez desejasse ser um espírito livre capaz de fazer a difícil travessia de querer viver por experiência. E quem ousaria dizer que a experiência que decide fazer não é válida, mesmo terminando como um alienista, apesar de não ser compreendido por muitos? O que fica em suspenso é uma indagação: teria Bacamarte conseguido “acessar o pathos da distância em que a independência alcançada pelo espírito possa não mais se prender sequer a si mesmo”? Precisamos continuar a ler Machado de Assis para propor outros exercícios interpretativos.

Também é preciso continuar a ler Nietzsche para compreender o que significa a ideia do cultivo de si que consegue suportar até a suspensão de uma sólida reputação, para viver intensamente e enfrentar os hábitos duradouros. Afinal, estamos conseguindo, como educadores, conquistar o privilégio de poder viver por experiência? Ou nossos hábitos têm formatos tão duradouros que já não conhecemos mais o encanto do estranho?

Como diz Nietzsche, na interpretação de Viesenteiner (2010), a abundância de vida acaba por estabelecer hábitos breves. Talvez estejamos vivendo um tempo em que temos de aprender a incorporar essa prática nos contextos educacionais, e ainda assim estar comprometido com a formação humana.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. São Paulo: Martin Claret. 2007.

GRANIER, Jean. **Nietzsche**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MARTON, Scarlett. (Org.). **Nietzsche abaixo do Equador**. A recepção na América do Sul. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2006.

_____. **Extravagâncias**. Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. Prelúdio a uma Filosofia do Futuro. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos**. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Humano, demasiado humano.** Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PREBISCH, Lucía Piossek. **Interpretação:** Arbitrariedade ou Probidade Filológica. In: Nietzsche abaixo do Equador. A recepção na América do Sul. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2006.

TANNER, Michael. **Nietzsche.** Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo. Ed. Loyola, 1994.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. Texto: "**Cultivo" e vivência (Erlebnis):** Premissas à construção da tarefa de "tornar-se o que se é" em Nietzsche. Apresentação em evento UFSC. 2010.

Recebido em 07/03/2012.

Aprovado em 14/08/2012.